

De Portugal e da Europa Medieval para o Brasil-Meridional

Walter F. Piazza *

Dedicatória

Nesta homenagem ao Prof. Dr. Humberto Carlos Baquero Moreno, que tive o prazer da convivência em Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, quando, ali, realizava investigações sobre o povoamento açórico-madeirense no Brasil-Meridional e, assim, nada mais justo, pois, que me alie a este tributo, com esta modesta contribuição.

Introdução

Tratar de medievalidade portuguesa não é tarefa fácil.

A leitura dos diversos autores, salientados e analisados por MERÊA¹ nos mais diversos aspectos que o problema apresenta e define as opiniões a respeito, muitas vezes contraditórias.

Numa outra leitura AGOSTINHO DA SILVA² registra a permanência da medievalidade portuguesa até os tempos presentes.

Os traços da medievalidade despontam, em vários momentos, na cultura brasileira, quer na organização social, política e econômica, devidamente formalizada em regimentos, alvarás e outras manifestações, quer ainda na tradição popular, expressa em diversas formas³.

O “paraíso terreal” e a terra de “la cucagna”

O descobrimento do Brasil, tal como o da América, está ligado à afirmação de que, aquém-Atlântico localiza-se o “paraíso terreal”, como o vislumbraram aqueles que primeiro aportaram à região, fossem viajantes, militares, evangelizadores e que disseminaram as ideias de riquezas materiais (ouro, prata), além da exuberância da flora e da fauna, com os seus rios caudalosos e piscosos, com variedade imensa de produtos comestíveis, e cujos habitantes (os indígenas da floresta tropical) viviam em condições paradisíacas⁴.

Deve-se assinalar, desde logo, que aos indígenas somou-se o contributo africano (notadamente bantu e excepcionalmente ioruba) e portugueses, quer continentais, quer insulanos.

Açorianos e madeirenses formaram o grande substrato português no Brasil-Meridional, no século XVIII, face a migração maciça de mais de seis mil açorianos e de meia centena de madeirenses, que se fixaram, inicialmente no litoral sul-brasileiro e depois foram adentrando às matas e campos da região, trazendo consigo aspectos culturais próprios de comunidades que viveram isoladas em suas ilhas e que, por dois séculos, também aqui ficaram imunes à outras influências⁵.

Tal facto deve ser, em parte, atribuído à legislação portuguesa impeditiva de ingressos de

* Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, aposentado. Doutor, Livre Docente em História (História do Brasil).

membros de outras nacionalidades no território brasileiro, notadamente se não fossem católicos e de nações aliadas.

Com a transmigração da Família Real Portuguesa (1808) a política imigratória brasileira tornou-se mais receptiva e, já, a partir de 1816, tem-se ingresso de suíços, seguidos de falantes da língua germânica da Europa Central, e de 1836 – uma tímida experiência com falantes da língua italiana-, que engrossa de forma expressiva e avassaladora, a partir de 1875⁶, todos procurando melhores condições, de sobrevivência e em busca da abundância e da liberdade⁷.

Assim, tem-se um processo aculturativo intenso que, de certo modo, pode ser avaliado timidamente através dos estudos de cultura popular⁸.

Com os falantes de língua italiana se desenvolve o ideal de “la cucagna”, atrelado à necessidade de “fare l’América”, porquanto era a busca da terra da abundância para os famélicos europeus do último quartel do século XIX ou, ainda, a terra da juventude e, também, da liberdade e da ociosidade.

2. O caldeamento da cultura popular portuguesa com outras culturas mediterrâneas no Brasil

Além de algumas aplicações legais que demonstram a relação da medievalidade com a modernização capitalista no sistema português qual seja o sistema das capitânias hereditárias, com os donatários, aos quais se subordinam todos os habitantes da capitania respectiva⁹.

Estudando a formação da sociedade luso-brasileira tem-se a ocupação sistemática do litoral atlântico e, progressivamente, o avanço para as terras interiores, utilizando os rios navegáveis, até onde pudessem penetrar e, em alguns casos era efectuada com a reutilização dos caminhos indígenas, os chamados “peabirus”¹⁰, que foram sendo alargados com o uso continuado por animais, por veículos de carga ou de transporte de pessoas¹¹.

A persistência da cultura medieval: o messianismo

Entretanto, o traço mais marcante da cultura medieval que deixou seu emblema no território brasileiro foram as acções messiânicas, quer em Canudos¹², quer no “Contestado”¹³.

Em ambos estão presentes as características do “sebastianismo” / “messianismo”¹⁴, incorporados em várias facetas da cultura popular brasileira, como as “cavalhadas” (lutas entre mouros e cristãos)¹⁵.

No tocante ao “Contestado”, amplamente analisado quanto às suas mais diferentes faces, ressalta-se, desde logo, a utilização – em 1912 – da “História de Carlos Magno e os doze pares de França”, como orientação não só na organização militar dos rebelados caboclos dos sertões do actual Estado de Santa Catarina, como a sua influência na vida familiar.

Neste sentido é deveras importante verificar-se, na região do conflito, o aparecimento de nomes como Olivério, Ricarte e Rolando (este grafado com Roldão).

A leitura fica, assim, condicionada aos dados disponíveis, que, com vagar e “engenho e arte” poderão ser ampliados.

4. Conclusão

Fica, pois, em aberta, a discussão dos termos que expressam a continuidade da “medievalidade” no Brasil-Meridional.

Notas Bibliográficas

1. MERÊA, M. Paulo. *Introdução ao problema do feudalismo em Portugal*. Coimbra, 1912.
 2. SILVA, (George) Agostinho (Baptista) da. *Aulas de Cultura Ibérica*, Florianópolis, Faculdade Catarinense de Filosofia, policopiado, 1956/1957, e *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Cadernos da Cultura, nº 103, 1957.
 3. BLOCH, Marc. *La société féodale. La formation des liens de dépendance*. Paris, Ed. Albin Michel, 1949; e *La société féodale. Les classes et le gouvernement des hommes*. Paris, Ed. Albin Michel, 1949.
 4. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª ed., 1992. 365 p.
 5. PIAZZA, Walter F. *A epopéia açórico-madeirense (1748-1756)*. Florianópolis, co-ed. Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina — Ed. Lunardelli, 1992, 488 p. e 2ª ed. revista, Funchal, ed. Centro de Estudos de História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Governo da Região Autónoma da Madeira, 1999. 393 p. Disponível em World Wide Web: <http://www.nesos.net> ou <http://www.ceha.madeira.net>.
- Sobre a expansão para o Rio Grande Sul e Uruguai, ver:
- BORGES-FORTES, João. Gal. *Casais*. Porto Alegre, Ed. do Centenário Farrroupilha, 1932.
- _____ *Rio Grande de São Pedro*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Militar, v.37, 1941.
- CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul — Período Colonial*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.
- WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*, Ed. Escola Superior de Teologia, - Instituto Cultural Português, 1979.
- SILVEIRA, Gustavo Py Gomes da. *O fundador de Tupanciretã*. Porto Alegre, Ed. Livrosul, 1994.
- DOMINGUES, Moacyr. *A Colônia do Sacramento e o sul do Brasil*. Porto Alegre, co-ed. Ed. Sulina – Instituto Estadual do Livro, 1973.
- ASSUNÇÃO, Fernando O. *Da conquista da Colônia por D. Pedro Cevallos* Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ano 160, nº404, jul. - set. 1999, pp 569 – 600, especialmente p. 572: “Muy poca gente en el Rio de la Plata sospecha hasta qué punto es portuguesa”, repetindo Virginia Carreño. 1968.
- NEIS, Ruben. *Guarda Velha do Viamão*. Porto Alegre, Ed. Escola Superior de Teologia, 1975.

FLORES, Moacyr. *Influência açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, nº11, 1991. p. 62 – 69.

6. PIAZZA, Walter F. *Colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre, Ed. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) 1982, 311 p.; 2ªed., Florianópolis, Ed. Lunardelli, revista e ampliada, 1988, 372 p.; 3ª ed., Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1994, 372 p.

_____ *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976. 89 p.

_____ *Italianos em Santa Catarina* (organizador) (com doze colaboradores). Florianópolis, Ed. Lunardelli, 2001, 2v., 1144 p.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

_____ *Ocupação humana e definição territorial do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Conselho Federal de Cultura, 1971.

7. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha, a história de um país imaginário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida. Emigração italiana: mito e realidade*. Itajaí, SC, Ed. Universidade do Vale do Itajaí, 1998.

BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade (História da Imigração Italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina)*. Florianópolis, co-ed. Ed. UFSC – Ed. Insular, 1999.

GROSSELLI, Renzo M. *Gabelle, militarismo ed altro. Alla radice del mito americano nel Trentino Austriaco*. In “Emigrazione: memorie e realtà. Trento, 1990. p. 217 – 237.

8. COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, Rio de Janeiro. *Documentos*, 1997. 87 p. Resumo de 580 documentos, a partir de 1948, “não apenas para o conhecimento da evolução das idéias nessa área de estudos, como também para melhor conhecimento das manifestações de cultura popular específicas das diversas regiões brasileiras. Deve-se esclarecer que a Comissão Nacional de Folclore funciona como organismo do Instituto Brasileiro para Educação, Ciência e Cultura, sendo, portanto, braço da Unesco na Nação Brasileira.
9. BOXER, C. R. *O Império Colonial Português*. Lisboa, Edições 70, 1969. p. 110.
10. CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro, Ed. Ministério das Relações Exteriores – Instituto Rio Branco, 1965, 2 Tomos. Em especial: Tomo 1, Parte I, cap.2: Fundamentos pré-históricos: o aborígine nas suas relações com a terra, pp. 21 – 43.

EDELWEISS, Frederico. *Tupis e Guaranis: estudos de etnonímia e lingüística*. Salvador, Ed. Museu da Bahia, nº 7, 1947.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Salvador, Ed. Câmara Municipal, 4ª ed., 1955.

11. GOULART, José Alípio. *Meios e instrumentos de transporte no interior do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1959.

12. CALAZANS, José. *No tempo de Antonio Conselheiro*. Salvador, Universidade da Bahia, 1959 (com extensa bibliografia).

13. A bibliografia sobre o “Contestado” é ampla e variada. São fundamentais para a relação com a “medievalidade”:

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La Guerre Sainte au Brésil. Le Mouvement messianique du Contestado*. São Paulo, Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1957.

QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. *Messianismo e conflito social, a guerra sertaneja do Contestado, 1912 – 1916*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966.

OLIVEIRA, Fernando Oswaldo de. *O jagunço num episódio da Guerra do Contestado*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1978.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1974.

LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos. Crime e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis, Ed. do autor, 1952; 2ªed., Florianópolis, Ed. da UFSC, 1999 (com pós-facio de Walter F. Piazza).

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria, interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, col. “Brasiliiana”, v.310, 1960.

PIAZZA, Walter F. *Contestado: uma reflexão. in Contestado. Obra coletiva: “Contestado”*. Rio de Janeiro, Ed. Index, 1987, p. 69 – 104.

14. HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado, a construção do sebastianismo em Portugal: séculos XVI e XVII*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1998.

15. Sobre “cavalhadas”:

CASCUDO, Luís da Câmara. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Natal, Ed. Fundação José Augusto, 1976.

BRANDÃO, Theo. *Cavalhadas de Alagoas*. Rio de Janeiro, Ed. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, “Cadernos de Folclore” nº24, 1978.

FREITAS E CASTRO, Enio de. *As Cavalhadas de Vacaria*. Porto Alegre, Comissão Estadual de Folclore do Rio Grande do Sul, 1954.